

**A INCRÍVEL HISTÓRIA DE UM MANUSCRITO DA  
SEPTVAGINTA QUASE DESTRUÍDO NA GUERRA  
CIVIL ESPANHOLA (BH UCM 22 = 442 RAHLFS)**

**THE INCREDIBLE STORY OF A CODEX OF THE  
SEPTUAGINT ALMOST DESTROYED IN SPANISH  
CIVIL WAR (BH UCM 22 = 442 RAHLFS)**

*Carlos A. Martins de Jesus*<sup>1</sup>

**Resumo:** O propósito deste capítulo é apresentar e discutir um manuscrito da *Septuaginta* recentemente recuperado (BH UCM 22 = 442 Rahlfs), um códice enviado pelo Senado de Veneza ao Cardeal Cisneros para auxiliar nas tarefas editoriais da coluna grega da *Poliglota Complutensis*. A consideração das características externas do manuscrito e da sua história de transmissão, bem como um olhar atento sobre as suas correções e adições marginais e interlineares devem demonstrar que foi largamente revisto por Marco Musuro – conhecido por ter ajudado Andreas Asolano na edição da *Biblia Graeca* aldina (1518) – junto com outros dois (ou mesmo três) helenistas, entre Veneza e Alcalá. Tudo isto, a par dos dados de alguma colação textual preliminar, confirma o uso do manuscrito madrileno nos processos editoriais das duas

---

<sup>1</sup> Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos, Universidade de Coimbra: carlos.jesus@uc.pt, <https://orcid.org/0000-0002-8723-690X>.

primeiras edições completas da *Bíblia* grega, no essencial contemporâneas – a da casa de Aldo Manúcio e a da equipa de helenistas de Cisneros.

**Palavras-chave:** *Septuaginta*; Bíblia aldina; *Poliglota Complutensis*; Marco Musuro

**Abstract:** The aim of this paper is to present and discuss a newly recovered manuscript of the *Septuagint* (BH UCM 22 = 442 Rahlfs), a codex sent by the Senate of Venice to Cardinal Cisneros to help the editorial tasks for the Greek column of the *Poliglota Complutensis*. By considering the manuscript's external evidences and history of transmission, as well as looking closely at its marginal and interlinear additions and corrections, it shall be demonstrated that it was largely reviewed by Marcus Musurus – who is known to have helped Andreas Asolanus in printing the Aldine Greek *Bible* (1518) – and by other two (or even three) Hellenists, both in Venice and in Alcalá. This, alongside the data of some preliminary textual collation, confirm the use of the Madrid codex for the editorial process of the two first complete editions of the *Bible*, mostly contemporary, by Aldus' house and Cisneros' team of Hellenists.

**Keywords:** *Septuaginta*; Aldine Bible; *Poliglota Complutensis*; Marcus Musurus

## 1. Introdução

Nas próximas páginas, damos a conhecer um novo manuscrito da *Septuaginta*, recentemente recuperado dos escombros da história e posto à disposição da comunidade de estudiosos do texto bíblico – o BH UCM 22 (= 442 Rahlfs), conservado na Biblioteca Histórica

“Marqués de Valdecilla” da Universidade Complutense de Madrid, em cuja fase final de recuperação, ordenação e digitalização participámos diretamente<sup>2</sup>. O ms. 442 – chamemos-lhe assim daqui em diante<sup>3</sup> – era, no seu estado original<sup>4</sup>, a cópia em 307 fólios de pergaminho de alguns livros da *Septuaginta*, enviada em data incerta pelo Senado de Veneza ao Cardeal Cisneros<sup>5</sup>, em Alcalá, para auxiliar nas tarefas de edição da *Biblia Poliglota Complutensis*, preparada entre 1514-1517 mas apenas posta à venda em 1520<sup>6</sup>.

Durante grande parte do século XX se pensou que o manuscrito fora irremediavelmente perdido durante os ataques falangistas ao Campus

---

<sup>2</sup> No contexto de uma bolsa de investigação e docência na Universidade Complutense de Madrid, em 2018, e em articulação com o projeto “Manuscritos Griegos en España y su Contexto Europeo (II): *Recentiores*, Papiros, Conjeturas y Ediciones Aldinas – Greek manuscripts in Spain and its European context (II): *Recentiores*, Papyri, Conjectures and Aldine Editions” (Ref.<sup>a</sup> Gobierno de España, FFI2015-67475-C2-2-P). A iniciativa recebeu o impulso das Ediciones Complutense, ao tempo a preparar o novíssimo *Catálogo de manuscritos medievales de la Biblioteca Histórica «Marqués de Valdecilla»*, editado a finais de 2018.

<sup>3</sup> Da mesma forma serão referidos os restantes manuscritos da *Septuaginta*, segundo a numeração (quando disponível) de A. RAHLFS, *Verzeichnis der griechischen Handschriften des Alten Testaments*, Berlin, Vandenhoeck & Ruprecht, 1914. Os seguintes serão os mais comuns: BH UCM 22 (ms. 442), Vat. gr. 330 (ms. 108), Vat. gr. 346 (ms. 248), Marc. gr. 2 (ms. 29), Marc. gr. 3 (ms. 121), Marc. gr. 5 (ms. 68), Marc. gr. 6 (ms. 122), Marc. gr. 16 (ms. 731). Fora da lista de Rahlfs está o Lond. BL Add. 10968 (aqui frequentemente referido apenas como *Londinensis*), extremamente importante para este estudo.

<sup>4</sup> Possuímos esta e outras informações graças aos catálogos novecentistas de J. VILLA-AMIL Y CASTRO, *Catálogo de los manuscritos existentes en la Biblioteca del Noviciado de la Universidad Central (procedentes de la antigua de Alcalá)*. Parte I. Códices. Madrid, Estereotipia y Galvanoplastia de Aribau y C<sup>a</sup>, 1878, pp. 5-6 [num. 22] e Ch. GRAUX, A. MARTIN, “Rapport sur une mission en Espagne et en Portugal. Notices sommaires des manuscrits grecs d’Espagne et de Portugal”: *Nouvelles Archives des Missions scientifiques et littéraires* 2 (1892), pp. 125-126.

<sup>5</sup> Quem no-lo confirma é o próprio Cisneros, no *Prologus ad Lectorem* impresso no volume I (cols. 3-4): “Quibus etiam adiunximus alia non pauca, quorum partem ex Bessarionis castigatissimo codice summa diligentia transcriptam Illustris Venetorum senatus ad nos misit”. A identificação do códice referido por Cisneros com o ms. 442 chegaria pelas mãos de J. M. EGUREN, *Memoria descriptiva de los códices notables conservados en los Archivos eclesiásticos de España*. Madrid, Imprenta y Estereotipia de M. Rivadeneyra, 1859, p. 17.

<sup>6</sup> Erasmo conseguiu um privilégio de exclusividade papal para a sua edição (1516) de quatro anos, pelo que a edição da *Poliglota* só foi sancionada por Leão X em 1520.

de Moncloa da Cidade Universitária de Madrid, ponto de defesa da resistência Republicana. A verdade é que o códice acabava de ser transferido para as recém-fundadas instalações da atual Faculdade de Filosofia e Letras, onde sabemos, por registos fotográficos, que uma série de tesouros bibliográficos foram usados para bloquear as janelas e proteger dos bombardeamentos<sup>7</sup>. Assim, quando em 1974 se compilou o Catálogo dos Manuscritos da Universidade Complutense, foi considerado *deperditus*<sup>8</sup>, informação que, sob várias formas, se foi repetindo<sup>9</sup>, e ainda em 2006 se podia ler, em distintos pontos da monografia de O'Connell, que o códex, parcialmente recuperado, se tinha queimado durante a Guerra Civil e não estava em condições de ser consultado<sup>10</sup>. Mas a verdade é que o que atualmente se conserva do códice tinha já sido descoberto em 1973, fortemente danificado, e logo foi proposto para restauro, tarefa extremamente complexa que não seria encetada antes de finais dos anos 90 e não ficaria concluída

---

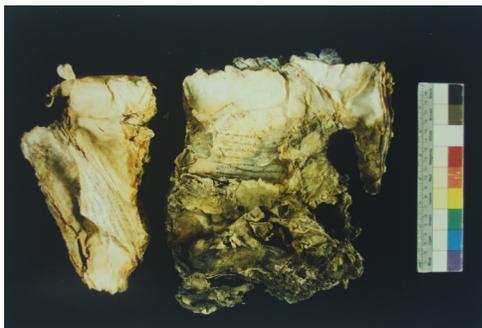
<sup>7</sup> É também conhecida a criação de equipas de voluntários, entre a defesa republicana, para salvar os volumes mais preciosos da Biblioteca bombardeada. Não sendo possível saber se foi ou não responsável pela salvação dos restos do nosso códice, ficou conhecido o caso de L. Ángel López Castro, conserje da Faculdade de Filosofia e Letras quando começou a guerra. Os dados a respeito, matéria pronta para um romance histórico, podem ler-se em M. TORRES SANTO DOMINGO, “Libros que salvan vidas, libros que son salvados: La Biblioteca Universitaria en la Batalla de Madrid”, in B. CALVO ALONSO-CORTÉS (ed.), *Biblioteca en Guerra. Catálogo de exposición*. Madrid, Biblioteca Nacional de España, 2005, pp. 261-285; IDEM, *La Biblioteca de la Universidad de Madrid durante la Segunda República y la Guerra Civil*. Madrid, Editorial Complutense, 2013; M. VALERO, “El ángel de los libros”: *Folio Complutense. Noticias de la Biblioteca Histórica de la UCM*. Madrid, 2013.

<sup>8</sup> G. de ANDRÉS, “Catálogo de los códices griegos de las colecciones: Complutense, Lázaro Galdiano y March de Madrid”: *Cuadernos de Filología Clásica* 6 (1974), pp. 244-246.

<sup>9</sup> Para um elenco destas referências, vd. N. FERNÁNDEZ MARCOS, “Un manuscrito complutense redivivo. Ms griego 442 = Villa-Amil 22”: *Sefarad* 65 (2005), pp. 65-69.

<sup>10</sup> E.g. S. O'CONNELL, *From Most Ancient Sources. The nature and text-critical use of the Greek Old Testament text of the Complutensian Polyglot bible*. Academic Press, Göttingen, Vandenhoeck and Ruprecht, 2006, p. 82 e n. 29, provavelmente apud N. FERNÁNDEZ MARCOS, “Un manuscrito complutense...”, op. cit. Estranhas – se aceitamos o conhecimento do estudo anterior – resultam as palavras de O'Connell noutro ponto (op. cit., p. 89, n. 53): “The ms. was severely damaged during the Spanish Civil War. At the time of writing, it is in restoration, but it is doubtful if it can be successfully restored.”

antes do começo deste século. Desta primeira fase resultou uma primeira digitalização de 58 fólhos (116 fotografias, reto e verso), e foi mesmo preparado um CD-Rom<sup>11</sup> para consulta na Biblioteca, de forma a evitar o manuseio direto do manuscrito.



Figuras 1 a 3 – A primeira fase de restauro do ms. 442

<sup>11</sup> Vd. N. FERNÁNDEZ MARCOS, “Un manuscrito complutense...”, op. cit., pp. 67-77 para a identificação do texto transmitido nestes fólhos.

Mas a recuperação fora mais extensa. Já em 2008, Bravo García e Ángel Espinós tinham manuseado diretamente a totalidade dos fólhos conservados, que descreveram como constando de 11 cadernos (seis quinhões completos e cinco outros com distinto número de fólhos), além de “uma multidão de fragmentos”<sup>12</sup>. Foi essa a realidade material que fomos encontrar, quando em setembro de 2018 iniciámos, com a equipa técnica da Biblioteca Histórica “Marqués de Valdecilla”, a última fase de restauro, ordenação textual e digitalização de todos os fólhos e fragmentos. O resultado – disponível *online* numa versão provisória<sup>13</sup>, e que esperamos em breve ver editado em livro – não pode deixar de surpreender. Dos 307 fólhos originais, pudemos recuperar (com as inevitáveis lacunas provocadas pelo fogo, mais severas nos fólhos iniciais e finais) e devolver à sua ordem inicial um total de 224 fólhos (reto e verso), identificando o texto neles copiado pela edição de Rahlfs-Hanhart (2006). Com mais ou menos lacunas, conservam-se importantes extensões de texto dos livros de *Juízes* (ff. 1r-8r), *Rute* (8r-10v), *Reis I* (11r-36v), *Reis II* (36v-46r), *Reis III* (46r-47v), *Reis IV* (48r-54v), *Crónicas I* (54v-76r), *Crónicas II* (76r-103r), *Provérbios* (103v-120v), *Eclesiastes* (120v-126r), *Cântico* (126r-129r), *Esdras I* (129r-137v), *Esdras II* (138r-153r), *Ester* (153r-161v), *Sabedoria* (161v-171r), *Judite* (171r-182v), *Tobit* (182v-189r), *Macabeus I* (189v-202v), *Macabeus II* (203r-217v), e *Macabeus III* (218r-224v).

---

<sup>12</sup> J. ÁNGEL ESPINÓS, “El código Complutensis Graecus 22: su destrucción y posterior recuperación”, in M. A. ALMELA LUMBRERAS (*et alii*, ed.), *Perfiles Grecia y Roma I. Actas del XII Congreso Español de Estudios Clásicos*. Madrid, Sociedad Española de Estudios Clásicos, 2009, p. 180. Cf. A. BRAVO GARCÍA, *Lecturas de Bizancio. El legado escrito de Grecia en España*. Madrid, Biblioteca Nacional de España, 2008, pp. 160-161.

<sup>13</sup> [http://dioscorides.ucm.es/proyecto\\_digitalizacion/index.php?doc=5309456614&y=2011&p=1](http://dioscorides.ucm.es/proyecto_digitalizacion/index.php?doc=5309456614&y=2011&p=1) (último acesso: 15/12/2019).

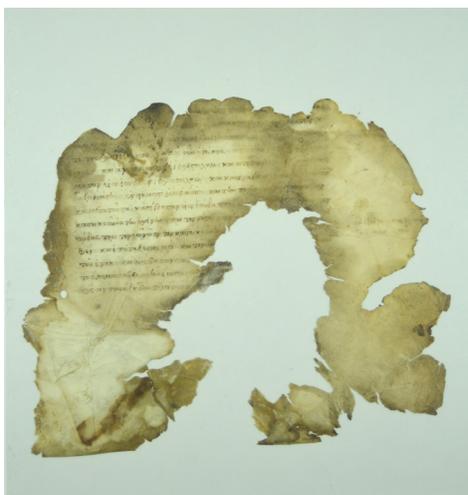


Figura 4 – O primeiro fólio conservado do ms. 442



Figura 5 – O último fólio conservado do ms. 442

No final do século XIX, Delitzsch<sup>14</sup>, após uma pesquisa entre os códices outrora pertencentes à coleção do Cardeal Bessáron

---

<sup>14</sup> F. DELITZSCH, *Fortgesetzte Studien zur Entstehungsgeschichte der Complutensischen Polyglotte*. Leipzig, Druck von Alexander Edelmann, 1886, pp. 23-28.

(depois transferida para a Biblioteca de S. Marcos em Veneza), concluiu que o modelo de cópia do ms. 442 seria o ms. 68 (Marc. gr. 5), uma *Bíblia Grega* completa copiada a duas mãos. O único problema com esta identificação – textualmente corroborada em estudos posteriores<sup>15</sup> – é que o modelo identificado não corresponde à descrição de *castigatissimus* (“muito anotado” – cf. nota 5) que dele faz Cisneros, tratando-se antes de uma cópia muito cuidada e praticamente isenta de correções e anotações<sup>16</sup>. Uma hipótese é que Cisneros se esteja a referir não a um manuscrito carregado de correções e anotações, antes um em que ditas correções já tivessem sido incorporadas. Seja como for, a pertença do códice à mesma família de manuscritos bíblicos *Marciani*, antes de ser enviado para Alcalá para auxiliar na edição da *Poliglota*, torna-o um sério candidato a ter sido também usado para a preparação da *Bíblia Aldina* (1518), como a seguir tentaremos demonstrar.

Se as conjeturas que a seguir se desenvolvem estão corretas, o códice madrileno que aqui nos ocupa constitui uma referência incontornável para estudar o assunto deste conjunto monográfico, na medida em que terá feito parte dos códices utilizados para as duas primeiras edições da *Bíblia Grega*, primeiro em Veneza, e depois em Alcalá. Bem assim, dá também testemunho, em primeira mão, das redes filológicas que se estabeleciam entre os principais centros europeus, no âmbito de uma colaboração editorial que era, de facto, prática corrente.

---

<sup>15</sup> E.g. M. REVILLA RICO, *La Poliglota de Alcalá: estudio histórico-crítico*. Madrid, Imprenta Helénica, 1917, p. 98; N. FERNÁNDEZ MARCOS, “Un manuscrito complutense...”, op. cit., pp. 78-80.

<sup>16</sup> Para a descrição do ms. 68, vd. E. MIONI, *Bibliothecae Divi Marci Venetiarum Codices Graeci Manuscripti*. Vol. 1. Roma, Istituto poligrafico dello Stato, Libreria dello Stato, 1981, pp. 9-10.

## 2. Entre Veneza e Alcalá: o ms. 442 e as suas revisões

A *Poliglota*, confiada a alguns dos mais eminentes filólogos gregos desse começo do século XVI (Demétrio Ducas, o Pinciano, López Zuñiga ou Juan de Vergara, entre outros<sup>17</sup>), foi, como é sabido, o grande monumento filológico da Espanha do século XVI; uma obra não para uso exclusivo em contexto religioso, antes vocacionada para eruditos renascentistas de toda a Europa<sup>18</sup>. A descoberta e disponibilização de um novo códice que sabemos ter sido utilizado no seu processo de edição constitui, portanto, um ganho incalculável para a paleografia bíblica grega. Para o caso concreto do ms. 442, porém, esse ganho parece ser duplo, na medida em que uma primeira análise paleográfica e textual do manuscrito nos permitiu aduzir fortes argumentos a favor da sua utilização, em Veneza, também na preparação do texto bíblico que chegou à imprensa de Andreas Asolano (sogro de Aldo Manúcio).

Desde o século XIX que se aceita que a equipa de filólogos de Aldo se serviu de vários códices da coleção de Bessárion (os atuais *Marciani graeci*), em concreto dos mss. 29, 121, 68<sup>19</sup> e 122<sup>20</sup> da lista

---

<sup>17</sup> Sobre estes (e outros) possíveis colaboradores, vd. H. B. SWETE, *An Introduction to the Old Testament in Greek*. Cambridge, Cambridge University Press, 1900, pp. 172-174; L. JIMÉNEZ MORENO, *La Universidad Complutense Cisneriana: impulso filosófico, científico y literario, siglos XVI y XVII*. Madrid, Editorial Complutense, 1996, pp. 142-144; N. FERNÁNDEZ MARCOS, “Greek Sources of the Complutensian Polyglot”, in N. DE LANGE, J. KIVORUCHKO, C. BOYD-TAYLOR (eds.), *Jewish Reception of Greek Bible Versions*. Tübingen, Mohr Siebeck, 2009, pp. 312, n. 39; e S. O’CONNELL, *From Most Ancient...*, op. cit., pp. 4-5 (com notas, para a bibliografia). A composição material do texto ficou a cargo do tipógrafo Nicetas Fausto, nome grego de Victor Fausto, que no entanto deve também ter tido alguma responsabilidade na fixação do texto.

<sup>18</sup> Apud S. O’CONNELL, op. cit., pp. 5-6.

<sup>19</sup> Cf. H. B. SWETE, op. cit., pp. 173-174; F. DELITZSCH, op. cit., pp. 55-57.

<sup>20</sup> Cf. P. LAGARDE, *Genesis Graece, e Fide Editionis Sixtinae Addita Scripturae Discrepantia e Libris Manu Scriptis...* Lypzig, Wentworth Press, 1868, p. 6. F. G. HERNÁNDEZ MUÑOZ, “El texto griego de Septuaginta en la *Biblia Políglota Complutense* y su relación con otros testimonios, especialmente con el ‘recuperado’

de Rahlfs (Marc. gr. 2, 3, 5 e 6, respetivamente). No entanto, a quase total ausência de marcas de imprensa (ou para os impressores) nestes códices cedo levou a considerar a existência de cópias parciais do texto bíblico – as que de facto chegaram às mãos dos tipógrafos e impressores, as assim designadas *Druckvorlagen* –, na sua maioria de paradeiro atualmente desconhecido. Nesse grupo poderia estar – isso defendemos – o códice madrileno. Para isso apontam os resultados de uma primeira investigação sobre as mãos, correções e revisões que nele são visíveis, um estudo que quisemos que fosse anterior à colação textual propriamente dita, que poderá confirmar, ou mesmo contestar, algumas das conclusões que aqui se ensaiam<sup>21</sup>.

O Copista A foi identificado com João Severo de Lacedemónia<sup>22</sup>, erudito mais conhecido pela sua atividade em Roma, na casa de Girolamo Aleandro, entre 1518-1525<sup>23</sup>. Se de facto é ele o copista principal do nosso códice, isso faria supor uma estância sua em Veneza anterior às datas tradicionalmente aceites, pois que o códice não pode ter sido copiado depois de 1515, e deve mesmo ter uma data anterior. Com efeito, tratando-se de um manuscrito em pergaminho, não contamos com o auxílio das filigranas para a sua datação. Por outro lado, quantos sobre esse assunto se pronunciaram<sup>24</sup> parecem defender que a cópia do ms. 442 é anterior

---

manuscrito UCM (BH) 22”: *Cuadernos de Filología Clásica (G)* 30 (2020), *passim*, confere também relevo ao ms. 120 (Marc. Gr. 4), do século XI.

<sup>21</sup> A nossa investigação acompanhou e foi fortemente influenciada pelo trabalho de colação textual que o professor F. G. Hernández Muñoz ia desenvolvendo (F. G. HERNÁNDEZ MUÑOZ, *op. cit.*). A ele estamos reconhecidos por partilhar connosco os primeiros resultados das suas coleções textuais, e pelas horas e horas passadas a estudar em conjunto o códice.

<sup>22</sup> A. BRAVO GARCÍA, *op. cit.*, p. 160; atribuição logo aceite por J. ÁNGEL ESPINÓS, *op. cit.*, pp. 180-181, n. 14.

<sup>23</sup> P. CANART, “Un copiste expansif: Jean Sévère de Lacédémone”, in K. TREU (ed.), *Studia Codicologica*. Berlin, Akademie-Verlag, 1977, pp. 117-134.

<sup>24</sup> Vd. F. G. Hernández Muñoz e T. Martínez Manzano, in A. LÓPEZ FONSECA, M. TORRES SANTO DOMINGO (eds.), *Catálogo de manuscritos medievales de la Biblioteca Histórica «Marqués de Valdecilla»*. Madrid, Editorial Complutense, 2018, p. 142: “no

(e que é outro o motivo da sua génese) à encomenda de Cisneros, que deveria ter ocorrido entre 1514-1515<sup>25</sup>. Podendo tratar-se de simples coincidência, P. Canart<sup>26</sup> identificou a mão de João Severo, entre outros, nos ff. 16r-41v do *Salmantinus* 54, uma cópia de *Metafísica* aristotélica que sabemos ter pertencido ao Pinciano, como acima se disse um nome importante no projeto da *Poliglota*. Poderia ele conhecer e ter recorrido ao trabalho – fino e cuidado, há que dizê-lo – deste copista em particular, com quem colaborara já, no passado, em Veneza? Seja como for, se é de facto de João Severo a principal mão do códice, a cronologia não permite recuar muitos anos a data de cópia<sup>27</sup>, além de que há que acrescentar à sua carreira uma possível colaboração, em Veneza, com o grupo de eruditos encabeçados por Aldo.

Ele próprio, uma vez terminada a cópia, fez uma primeira (e na verdade pouco profunda) revisão do manuscrito, aproveitando para numerar, em grego e a vermelho, os capítulos na maior parte dos livros<sup>28</sup>, numeração no global coincidente com a que é impressa na Aldina. Suas são também duas anotações marginais, na mesma tinta vermelha: no início de 1Esdr 6.7. (f. 137r: Ἀντίγραφον ἐπιστολῆς, ἧς

---

hay constancia de que la Señoría veneciana haya mandado copiar expresamente este códice en torno a 1515 para mandarlo al Cardinal Cisneros, sino que pudo obrar en poder del Senado de la Serenísima desde años antes.”

<sup>25</sup> No prefácio ao volume V da *Poliglota* (com data de colofão de 10 janeiro 1514) não é feita qualquer referência ao códice, talvez desde logo por se tratar do volume com o *Novo Testamento*. Posto que o volume VI (que imprime um Dicionário, Índices e uma Gramática de hebraico) tem data de 17 de março de 1515, parece coerente aceitar que algures por estes anos começaram e decorreram os trabalhos de edição da *Septuaginta*, motivo para o pedido do códice a Veneza.

<sup>26</sup> Op. cit., p. 129.

<sup>27</sup> *Contra*, J. M. EGUREN, op. cit., p. 17, referia-se a uma decoração na primeira página “anterior ao século XV”, hipótese que, além de improvável, os danos causados pelo fogo não permitem confirmar ou refutar.

<sup>28</sup> A comparação com o ms. 68 revela que, também no que à numeração de capítulos diz respeito, foi ele o modelo principal do ms. 442. A outro nível, o estilo desta primeira numeração é muito semelhante ao que se encontra no BH UCM 28, outro códice cuja cópia lhe é atribuída.

ἔγραψεν Δαρείῳ καὶ [ἀπέστειλεν]), e de 2Esdr 11 (f. 143r: Λόγοι Νεεμια υἱοῦ Αχαλια), texto que, em ambos os casos, é na Aldina impresso em maiúsculas, além de ter correspondência gráfica com os demais *Marciani* que o copiam.

Mas é outro o argumento que com mais veemência relaciona o códice com o projeto da *Bíblia* Aldina, relativo a uma segunda (e essa sim profunda) revisão de que foi alvo, ainda antes de viajar para Espanha. O autor dessa revisão foi Marco Musuro (1470-1517), colaborador assíduo de Aldo Manúcio entre 1493 e 1516 e editor-chefe de diversos clássicos aldinos<sup>29</sup>. A. Bravo García<sup>30</sup> e D. Speranzi<sup>31</sup> já tinham assinalado a presença de *marginalia* pela sua mão no atual f. 94r<sup>32</sup>, onde acrescentou o texto de 2Par. 26.21.1-2 (ἕως ἡμέρας τῆς τελευτῆς αὐτοῦ, καὶ ἐν οἴκῳ ἀφρουσῶθ ἐκάθητο λεπρός). Antes da recuperação do códice madrileno, o único manuscrito que continha marcas da sua intervenção sobre o texto bíblico era o Lond. BL Add. 10968, no qual corrigiu e anotou o texto de 1Reg 30-12 – 2Reg 23.16-7 (f. 2r-28v)<sup>33</sup>. Este códice, como bem demonstrou A. Cataldi

---

<sup>29</sup> Entre outros, dos *Scholia* de Aristófanes (1498), Ateneu (1514), Hesíquiu (1514) e Pausânias (1516). Crê-se que foi a sua caligrafia o modelo para os tipos da imprensa aldina. Sobre ele, vd. D. J. GEANAKOPLIS, *Greek Scholars in Venice: Studies in the Dissemination of Greek Learning from Byzantium to Western Europe*. Cambridge, Massachusetts, Harvard University Press, 1962, pp. 111-166; P. G. BIETENHOLZ, T. B. DEUTSCHER, *Contemporaries of Erasmus. A biographical register of the Renaissance and Reformation*. Vol. II: F–M. Toronto, University of Toronto Press, 1986, pp. 472-473; N. G. WILSON, *From Byzantium to Italy. Greek Studies in the Italian Renaissance*. Baltimore, Johns Hopkins University Press, 1992, pp. 148-156; e D. SPERANZI, *Marco Musuro. Libri e scrittura*. Roma, Accademia Naz. dei Lincei, 2013.

<sup>30</sup> Op. cit., p. 160.

<sup>31</sup> Op. cit., p. 271.

<sup>32</sup> Ambos autores referem a intervenção de Musuro como constando do f. 92v<sup>margin</sup>, de acordo com uma numeração ainda hoje inscrita a lápis no manuscrito. Após cuidada análise, parece que esta numeração reflete uma ordem inversa, devendo ser da responsabilidade da equipa técnica. O certo é que a anotação, no f. 94r da nossa numeração final, está de facto na face recto do fólio.

<sup>33</sup> Embora os fólhos que copiam esta parte de 1-2Reg no ms. 442 (ff. 35v-44v) estejam severamente danificados, são poucas as intervenções de Musuro, o que pode

Palau<sup>34</sup>, é exemplo das *Druckvorlagen* usadas na imprensa aldina, que assim consegue, via Musuro, uma relação direta com o ms. 442. O último, de resto, sabemos agora que atesta a revisão de Musuro em praticamente todos os fólhos e sob as mais diversas formas: suplementos textuais *in margine* (marcados *in texto* com o sinal ^, às vezes encabeçado por um ~), correções (%) e *graphetai* (os últimos tanto marginais como interlineares)<sup>35</sup> são maioritariamente da sua responsabilidade<sup>36</sup>, tendencialmente editados *post correctionem* tanto na Aldina como na *Poliglota*. Em mais que um momento (e.g. 1Mac 15.10-11 [201r], 1Mac 15.28 + 15.29 [201v], 2Mac 5.14 [208r] e 2Mac 12.27 [216r]) Musuro supriu, *in textu*, linhas deixadas em branco pelo Copista A e que faltam também no ms. 68 e no *Londinensis*, mas que são editadas pela Aldina e pela *Poliglota*. Finalmente, a própria *mise en page* do ms. 442 relaciona-o com a edição Aldina. Damos o exemplo das *tabulae capitum* que antecedem os livros de *Esdras* e *Ester* (ff. 129r-130r + 153r-v), copiadas do ms. 68 (298v+304r; 312v-316)<sup>37</sup> e reproduzidas, de forma graficamente similar, nas pp. 159 e 174 da Aldina, respetivamente.

---

sugerir que trabalhou com ambos os códices em paralelo e que, para essa parte em específico, foi o *Londinensis* o manuscrito utilizado em imprensa.

<sup>34</sup> A. CATALDI PALAU, *Gian Francesco d'Asola e la tipografia aldina. La vita, le edizioni, la biblioteca dell'Asolano*. Genova, Sagep, 1998, pp. 451-459, 610.

<sup>35</sup> Haveria ainda que referir a correção de simples palavras ou terminações, no global sublinhadas, além de outros casos onde correções e suplementos menores são feitos *supra lineam* mas sem qualquer sinal a marcá-los.

<sup>36</sup> Estamos gratos ao Professor David Speranzi por nos confirmar a mão de Musuro nos exemplos que lhe fizemos chegar.

<sup>37</sup> Constam também dos mss. 122 (291v-301v; 301v-306v) e 731 (ff. 342v-343v + 357r-v; 397v-380r), pelo que são parte integrante da tradição textual dos *Marciani*. Por isso não são editadas na *Poliglota*, que para estes livros parece seguir preferencialmente a lição dos *Vaticani* (mss. 108 e 248). Cf. F. G. HERNÁNDEZ MUÑOZ, op. cit., pp. 238-241, que dá preferência ao ms. 248 sobre o ms. 108 como fonte do vol. III da *Poliglota*, em especial para o livro de *Juízes*, que desse volume estuda mais em pormenor.



Por quanto até agora se disse, parece de aceitar que o ms. 442 foi fortemente revisto por Musuro com o único propósito de ser utilizado em algum momento do processo editorial da *Bíblia* aldina. À parte uma ou outra correção mais pontual, é da sua responsabilidade o estado final do texto transmitido pelo códice, do qual se serviram depois os editores de Alcalá, na medida em que a ele recorreram para o caso específico de cada livro. As colações textuais possíveis de realizar entre o ms. 442 e o texto impresso da *Poliglota*, mais especificamente nos volumes II, III e IV, sempre parciais até agora<sup>38</sup>, concordam em reconhecer ao códice madrileno um papel de relevância, mas ainda assim ao que tudo indica secundário, com respeito à lição dos dois *Vaticani* emprestados por Leão X e devolvidos ao cabo dos trabalhos a Roma (os mss. 108 e 248), para o caso dos livros bíblicos que estes copiam. Especial é o caso do volume IV da *Poliglota*, cujos livros (*Daniel*, *Doze Profetas*, I, II e III de *Macabeus*) não são copiados em nenhum dos Vaticanos ou qualquer outro códice que se saiba ter sido utilizado, à exceção do ms. 442, que seria assim a única fonte manuscrita conhecida para *Macabeus*. E o certo é que as investigações mais recentes estão a revelar uma grande proximidade entre a lição do nosso códice e o texto da *Poliglota*, mais forte, precisamente, em *Macabeus*<sup>39</sup>.

De novo, a nossa investigação sobre as distintas revisões do ms. 442 revelou dados que precedem (e são úteis para) a colação textual. Dissemos antes que a primeira numeração dos capítulos, em grego e tinta vermelha, é da responsabilidade do Copista A. Mas em alguns livros (I e II de *Crónicas*, II de *Esdras* e *Ester*), uma

---

<sup>38</sup> Para a síntese do estado deste assunto, vd. S. O'CONNELL, op. cit., pp. 7-10; L. GIL FERNÁNDEZ, "A cuento del centenario del texto griego de la Políglota Complutense": *Cuadernos de Filología clásica. Estudios griegos e indoeuropeos* 25 (2015), pp. 291-300; e F. G. HERNÁNDEZ MUÑOZ, op. cit., pp. 230-231.

<sup>39</sup> Apud F. G. HERNÁNDEZ MUÑOZ, op. cit., pp. 241-246, que estuda o começo do livro III de *Macabeus*, e conclui a forte semelhança entre o texto *post correctionem* do ms. 442, a Aldina e a *Poliglota*.

segunda mão aponta (e por vezes corrige<sup>40</sup>) a numeração, em grego e a tinta negra. Esta, de qualquer modo posterior no tempo à revisão de Musuro<sup>41</sup>, é de resto muito similar à que marca os capítulos nos ff. 2r-28v do *Londinensis* (Imagens 8 e 9), da responsabilidade do Copista A de ditos fólhos<sup>42</sup>, precisamente o texto que reviu Musuro (1Regn 30:12 – 2Regn 23:16-17).

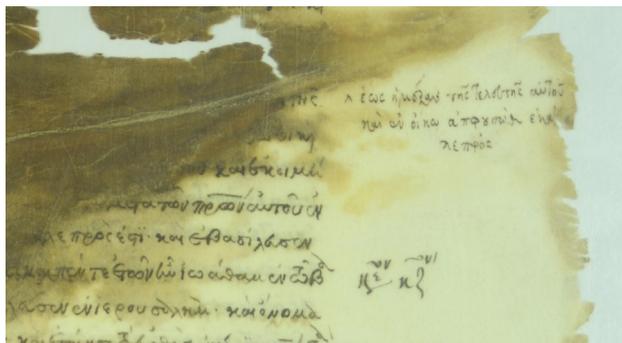


Figura 8 – Ms. 442, f. 94r (início de 2Par 27)

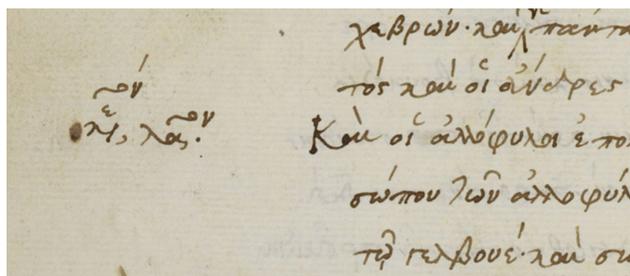


Figura 9 – Lond. B. L. Add. 10968, f. 2v (início de 2Regn 31)

<sup>40</sup> E.g. f. 71r (a) (1Par 23); f. 140v (2Esdr 8); f. 143r (2Esdr 10).

<sup>41</sup> E.g. f. 145r (Figura 10), onde o começo de 2Esdr 14 é marcado sobre um suplemento textual de Musuro.

<sup>42</sup> Cataldi Palau (1998: 459) identifica-o com Bartolomeo Zanetti, e considera o *Londinensis* “um dos mais antigos manuscritos nos quais se deteta a sua mão”. Mais famoso como tipógrafo na Veneza dos anos 30 do século XVI, terá trabalhado desde tenra idade na cópia de manuscritos gregos, ainda que as relações com Aldo sejam difíceis de estabelecer.

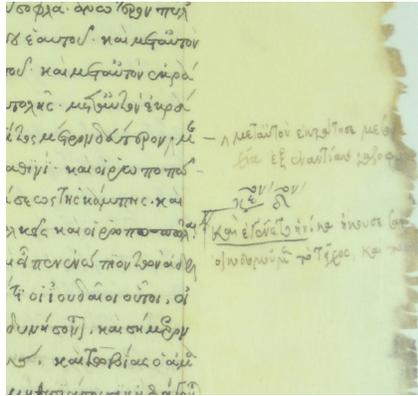


Figura 10 – Ms. 442, f. 145r (início de 2 Esdr 14)

Embora a *Poliglota* não imprima numeração em grego, no que à presença desta no ms. 442 diz respeito, é possível estabelecer o padrão [ms. 68] ms. 442<sup>ac</sup> Ald. / ms. 442<sup>Pc</sup> Polygl., o que pode sugerir que dita numeração a negro seja já de Alcalá, ou então, se ainda de Veneza, de um momento posterior à utilização do códex pelos colaboradores da Aldina.

A verdade é que a *Poliglota* imprime, como se foi adiantando, apenas numeração em latim (sob a forma **Cap. #**), a mesma que vamos encontrar em diversos pontos do ms. 442. No que a esta diz respeito, parece de aceitar a intervenção de pelo menos dois “revisores espanhóis”. A partir do f. 104r (*Provérbios*), o manuscrito apresenta numeração marginal em latim, alternando entre a mesma forma impressa na *Poliglota* e a mais simples **C.#**. (Imagens 11 e 12). Estes revisores, mais do que correções textuais – que uma análise mais profunda do códice pode contudo vir a revelar em maior quantidade<sup>43</sup> – teriam trabalhado sobre os livros a integrar os volumes II, III e IV da *Poliglota*, acrescentando sobretudo a numeração em latim, a

<sup>43</sup> E.g. f. 164v, onde a mesma mão que marca o **Cap.<sup>m</sup> 8** corrige, *in margine*, ἐφίλησα και ἐξεζήτησα em Prov 8.1 (ἐξεζήτησα και ἐξεζήτησα<sup>ac</sup>), a lição da Aldina e da *Poliglota*, mesmo que não corrigida por Musuro.

partir dos ms. 108 e 248 (os *Vaticani*, como se disse antes, a fonte preferencial)<sup>44</sup>.

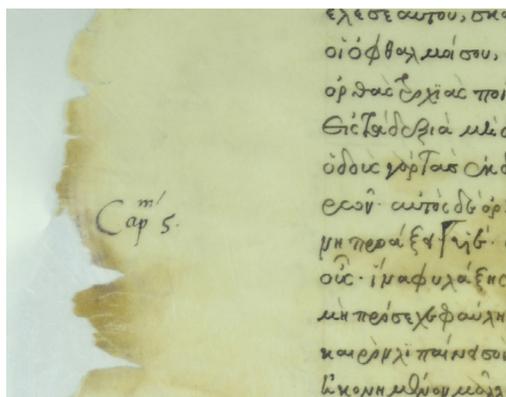


Figura 11 – Ms. 442, f. 105v (início de Prou 5)

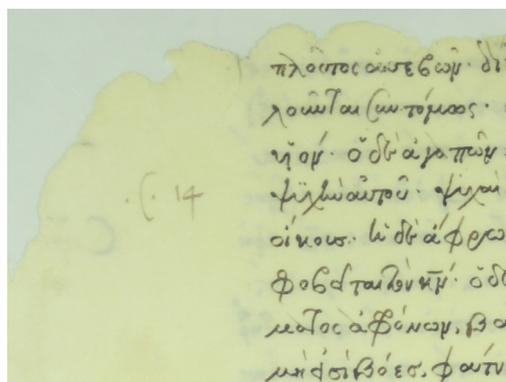


Figura 12 – Ms. 442, f. 110v (início de Prou 14)

<sup>44</sup> Posto que é possível detetar o segundo modelo de numeração latina por entre os fólhos mais mutilados de *Macabeus* (e.g. ff. 207v, 210v, 214r), e uma vez que não temos conhecimento de nenhum outro manuscrito que tenha servido de modelo ao volume IV da *Poliglota*, onde foram editados, fica claro o nosso desconhecimento de outros manuscritos utilizados pela equipa de Alcalá.

### 3. Conclusões

Agora que o códice madrileno está acessível, fica formalmente dado o grito de partida para o alargamento e aprofundamento das pesquisas centradas no seu texto, nas suas fontes, no seu uso editorial e, claro, na sua história. Seja como for, quanto dele se sabe transforma-o já num exemplar único, testemunho bem vivo do mais especializado mercado editorial grego de começos do século XVI. Embora nele sejam praticamente indetetáveis marcas de imprensa ou para os impressores propriamente ditas<sup>45</sup>, como é o caso do *Londinensis* seu irmão (onde abundam e são bem explícitas), parece certo que ambos os manuscritos integraram, em Veneza, um grupo de códices com semelhantes propósitos editoriais, para os quais Musuro dá o rótulo de edição aldina. Ou talvez haja que olhar para o códice madrileno como peça intermédia desse processo editorial, como fonte direta das cópias que, elas sim, chegariam às mãos dos impressores.

Cisneros (ou algum dos seus colaboradores) procurava um manuscrito de qualidade textual assegurada, e a revisão de Musuro pode ter sido um dos critérios da eleição do ms. 442 – aliada, claro, às características materiais e de *mise en page* do códice, extremamente ricas e cuidadas. Não sendo clara a data da sua cópia, se for correta a identificação do Copista A com João Severo de Lacedemónia, ela não deve ser anterior aos primeiros dez ou quinze anos do século XVI, ou seja, não muito anterior à do envio do códice para Alcalá, algures entre 1514 e 1515. Parece, contudo, não ter sido este pedido o motor da génese do códice,

---

<sup>45</sup> No f. 18v, um ângulo reto rodeia a capital (cuidadosamente desenhada a vermelho) do começo de 1Regn 11, com uma tinta coincidente com a da numeração grega em negro. No livro de *Ester*, deteta-se um sinal + *in margine* nos fólhos 157r (início de Est 4.17a), 158r (Est 5.4), 159v (Est 8.12b) e 160r (Est 8.13), aparentemente com a mesma tinta.

já considerado por Musuro um exemplar meritório de ser tido em conta na edição do texto aldino.

Para Espanha veio para auxiliar na preparação de um segundo monumento editorial, esse da *Poliglota Complutensis*, para de novo ser protagonista, 400 e tantos anos depois, de outro momento histórico, este já menos laudatório, mas igualmente digno de memória. Quase destruído pelos fuzis e as bombas que não distinguem os seus alvos da Guerra Civil espanhola, pode agora ser finalmente integrado nos aparatos críticos das edições da *Septuaginta* que venham a conhecer o prelo.

## Referências bibliográficas

- ÁNGEL ESPINÓS, J., “El códice Complutensis Graecus 22: su destrucción y posterior recuperación”, in M. A. ALMELA LUMBRERAS (*et alii*, ed.), *Perfiles Grecia y Roma I. Actas del XII Congreso Español de Estudios Clásicos*. Madrid, Sociedad Española de Estudios Clásicos, 2009, pp. 177-184.
- ANDRÉS, G. de, “Catálogo de los códices griegos de las colecciones: Complutense, Lázaro Galdiano y March de Madrid”: *Cuadernos de Filología Clásica* 6 (1974), pp. 244-246.
- BIETENHOLZ, P. G.; DEUTSCHER, T. B., *Contemporaries of Erasmus. A biographical register of the Renaissance and Reformation*. Vol. II: F–M. Toronto, University of Toronto Press, 1986.
- BRAVO GARCÍA, A., *Lecturas de Bizancio. El legado escrito de Grecia en España*. Madrid, Biblioteca Nacional de España, 2008, pp. 160-161.
- CANART, P., “Un copiste expansif: Jean Sévère de Lacédémone”, in K. TREU (ed.), *Studia Codicologica*. Berlin, Akademie-Verlag, 1977, pp. 117-139.
- CATALDI PALAU, A., *Gian Francesco d’Asola e la tipografia aldina. La vita, le edizioni, la biblioteca dell’Asolano*. Genova, Sagep, 1998.
- DELITZSCH, F., *Fortgesetzte Studien zur Entstehungsgeschichte der Complutensischen Polyglotte*. Leipzig, Druck von Alexander Edelmann, 1886.
- EGUREN, J. M., *Memoria descriptiva de los códices notables conservados en los Archivos eclesiásticos de España*. Madrid, Imprenta y Estereotipia de M. Rivadeneyra, 1859.
- FERNÁNDEZ MARCOS, N.
- “Un manuscrito complutense redivivo. Ms griego 442 = Villa-Amil 22”: *Sefarad* 65 (2005), pp. 65-69.
  - “Greek Sources of the Complutensian *Polyglot*”, in N. DE LANGE, J. KIVORUCHKO, C. BOYD-TAYLOR (eds.), *Jewish Reception of Greek Bible Versions*. Tübingen, Mohr Siebeck, 2009, pp. 302-315.

- GEANAKOPOLOS, D. J., *Greek Scholars in Venice: Studies in the Dissemination of Greek Learning from Byzantium to Western Europe*. Cambridge, Massachusetts, Harvard University Press, 1962.
- GIL FERNÁNDEZ, L., “A cuento del centenario del texto griego de la Políglota Complutense”: *Cuadernos de Filología clásica. Estudios griegos e indoeuropeos* 25 (2015), pp. 291-300.
- GRAUX, Ch.; MARTIN, A., “Rapport sur une mission en Espagne et en Portugal. Notices sommaires des manuscrits grecs d’Espagne et de Portugal”: *Nouvelles Archives des Missions scientifiques et littéraires* 2 (1892), pp. 1-322.
- HERNÁNDEZ MUÑOZ, F. G., “El texto griego de *Septuaginta* en la *Biblia Políglota Complutense* y su relación con otros testimonios, especialmente con el ‘recuperado’ manuscrito UCM (BH) 22”: *Cuadernos de Filología Clásica (G)* 30 (2020), pp. 229-252.
- JIMÉNEZ MORENO, L., *La Universidad Complutense Cisneriana: impulso filosófico, científico y literario, siglos XVI y XVII*. Madrid, Editorial Complutense, 1996.
- LAGARDE, P., *Genesis Graece, e Fide Editionis Sixtinae Addita Scripturae Discrepantia e Libris Manu Scriptis...* Lypzig, Wentworth Press, 1868.
- LÓPEZ FONSECA, A.; TORRES SANTO DOMINGO, M. (eds.), *Catálogo de manuscritos medievales de la Biblioteca Histórica «Marqués de Valdecilla»*. Madrid, Editorial Complutense, 2018.
- MIONI, E., *Bibliothecae Divi Marci Venetiarum Codices Graeci Manuscripti*. Vol. 1. Roma, Istituto poligrafico dello Stato, Libreria dello Stato, 1981.
- O’CONNELL, S., *From Most Ancient Sources. The nature and text-critical use of the Greek Old Testament text of the Complutensian Polyglot bible*. Academic Press, Göttingen, Vandenhoeck and Ruprecht, 2006.
- RAHLFS, A., *Verzeichnis der griechischen Handschriften des Alten Testaments*. Berlin, Vandenhoeck & Ruprecht, 1914.
- REVILLA RICO, M., *La Políglota de Alcalá: estudio histórico-crítico*. Madrid, Imprenta helénica, 1917.
- SPERANZI, D., *Marco Musuro. Libri e scrittura*. Roma, Accademia Naz. dei Lincei, 2013.
- SWETE, H. B., *An Introduction to the Old Testament in Greek*. Cambridge, Cambridge University Press, 1900.
- TORRES SANTO DOMINGO, M.
- “Libros que salvan vidas, libros que son salvados: La Biblioteca Universitaria en la Batalla de Madrid”, in B. CALVO ALONSO-CORTÉS (ed.), *Biblioteca en Guerra. Catálogo de exposición*. Madrid, Biblioteca Nacional de España, 2005, pp. 261-285.
  - *La Biblioteca de la Universidad de Madrid durante la Segunda República y la Guerra Civil*. Madrid, Editorial Complutense, 2013.
- VALERO, M., “El ángel de los libros”: *Folio Complutense. Noticias de la Biblioteca Histórica de la UCM*. Madrid, 2013.
- VILLA-AMIL Y CASTRO, J., *Catálogo de los manuscritos existentes en la Biblioteca del Noviciado de la Universidad Central (procedentes de la antigua de Alcalá)*. Parte I. Códices. Madrid, Estereotipia y Galvanoplastia de Aribau y C<sup>a</sup>, 1878.
- WILSON, N. G., *From Byzantium to Italy. Greek Studies in the Italian Renaissance*. Baltimore, Johns Hopkins University Press, 1992.

(Página deixada propositadamente em branco)